

O nosso Jornal Um problema muito importante

É uma questão antiga — e nunca resolvida «preto no branco» — qual a espécie jornalística a que pertence O GAIATO. Ao género da Imprensa de Inspiração Cristã, com certeza — e de que maneira?! É isso de modo absoluto, exclusivo. Porquê tantos o acolhem como Evangelho que Jesus anunciaria hoje? Recentemente, um sacerdote chamava-o de «Evangelho segundo O GAIATO».

Porquê?... Pai Américo responde: «Aquele a quem Nosso Senhor deu o talento de escrever, escreva como quem reza. Prepare-se como quem vai falar de Deus. Só desta forma corresponde e faz valer o dom». E acrescenta: «Também não aceitem colaboração de estranhos, ainda que de homens de saber e de virtude. Dê-se, sim, preferência ao Rapaz, que por isso se educa e revela, fazendo bem às almas dos que lerem». Assim, «pela força e crédito dos seus escritos, defendam os direitos e levem os homens a reconhecer e a respeitar o Pobre». E ainda: «Todo o espaço e todo o tempo é pouco para revelar Cristo aos homens». Por isso, nunca ele admitiu publicidade nem jamais O GAIATO falou do que fosse ou de quem fosse senão para «pôr a luz no candeeiro», sem nomes de ninguém, sem interesses de nada a não ser a comunicação do Bem: bem a fazer, que nos apela; o bem que se vai fazendo e nos estimula.

Eis o Estatuto Editorial que Pai Américo nos legou. De inspiração cristã — quem pode duvidar?; mas regional não é. Sem ser publicação especializada de coisa nenhuma, é, porventura, a mais nacional de quantas vêem a luz dos prelos. Mas sem notícias disto e daquilo, daqui ou dacolá, senão de uma que se repete em mil variações desde que o homem se conhece e se constitui para ele um permanente desafio: acelerar o alvorecer da fraternidade universal, que só

dela pode nascer o dia da Justiça e da Paz. Cristo é, justamente, o princípio dos «últimos tempos»; a Sua era é a da fraternidade universal. Fez-Se Irmão dos homens para que os homens, «finalmente», se possam tornar irmãos. Daí a preocupação de Pai Américo e o objectivo do seu Jornal: «Todo o espaço e todo o tempo é pouco para revelar Cristo às almas».

E agora?... Agora surge um problema que começou há três anos e meio com a redução para 90% e ameaça agravar-se. Dá pelo nome de «porte pago» e condiciona este auxílio à difusão da Imprensa não-diária, à empresariação dos jornais, obrigando a um determinado número de jornalistas e profissionais ao seu serviço conforme a tiragem média de cada um; e também estabelecendo uma relação com o espaço publicitário. Isto para que a participação seja de 80% no território nacional. Senão, baixará aos 60%.

E agora?... Será que aos Padres da Rua e aos nossos Rapazes que constituem o corpo redactorial de O GAIATO vão reconhecer o estatuto de jornalistas? Outros, pelo que recordei acima da natureza do nosso Jornal segundo o pensamento e vontade de Pai Américo, não são possíveis. E quantos seriam os requeridos para a tiragem tamanha de um quinzenário em cujo ficheiro se pode percorrer todo o território nacional, continental e insular, e terras de todo o mundo onde há portugueses, sem falar nos estrangeiros que também o assinam? Um jornal que não finge audiências para provocar publicidade, pois não a tem nem a quer! Que se dirige às pessoas no seu íntimo e outra coisa não intenta que encontrá-las,

Continua na página 4



Casa do Gaiato de Miranda do Corvo: Alegria de quem se sente feliz!

SETÚBAL

Confidências

O Luís veio agora mostrar-me um rádio-gravador que a tia lhe havia trazido, hoje mesmo, com a visita.

Não cabia em si de contentes!

— Então? Põe-no lá a tocar!

Ele carregava em todos os botões e nada!

Estava já a desanimar com a prenda, quando o

João Paulo lhe sugere, forçando-o e querendo ele mexer:

— Eh pá, liga a luz! É aqui.

Não sei que voltas deram. Quando se ouviu alguma coisa do aparelho era a gravação do seu despique. Muito riram os dois! A seguir, gravaram mais; e queriam também gravar a minha voz. Depois fez-se

ouvir uma cassette que o objecto trazia incorporada. O Luís dançava, perdido de alegria.

E tem ritmo e ouvido este menino! Todo ele é movimento concertado com a música.

Isto passava-se no escritório de baixo onde me encontro, sempre mais próximo deles.

Outro dia, tinha-me confidenciado que já sabia ler. Gosto das confidências deles e aproveito logo. É a maré. Nem sempre há marés; mas, quando ela chega, usufruo logo.

— Então, lê lá!... Pega n' O GAIATO e diz o cabeçalho. Aquele título diz-lhe muito, vi logo, pela ênfase apresentada.

— Ora!... Isso sabes de cor.

— Olhe se aqui estivesse um g — e apontava para o i — lia-se gato.

— Assim é que eu gosto! — rematei. Quero ver-te a ler bem e depressa, que já tens nove anos.

— Vou aprender num instante — retorquiu.

Ninguém imagina o gozo que me dá este pequeno.

Foi ele a quem a autoridade, pela voz de um polícia, mo apresentou:

— Tenha cuidado com ele. Ontem assaltou e espantou seis automóveis!

Ao que o Luís ripostou:

— Não foram seis, foram sete!

Depois de entrar no nosso ambiente e se sentir à vontade, tem explicado como fazia.

Continua na página 3

ENCONTROS EM LISBOA

Conversando com eles

NESTE momento, tenho quatro dos meus rapazes a fazer o serviço militar obrigatório. Nos últimos dez anos já foram uns trinta a fazer o mesmo. Vou ficando algo perplexo com o assunto. É que ainda não conseguí arrancar a nenhum uma confissão de gosto positivo por aquilo. As respostas invariavelmente terminam assim: «Tem que ser»; «estou farto daquilo»; «é uma perda de tempo»; «não fazemos nada»; «somos tratados de qualquer maneira», etc. Não se pense que eles estão a rejeitar o serviço militar em bloco, não, estão a rejeitar este serviço militar assim.

Não sou perito nestas coisas e também não me quero meter com tão vetusta Instituição, mas acontece que os meus rapazes me dizem que assim não vão a parte nenhuma. Ora vejamos: Eles contam que a recruta, mais ou menos um mês, é para aprenderem a marchar a fim de faze-

rem vista no dia do juramento de bandeira. Depois são mais três ou cinco meses a fazerem especialidades onde não se especializam e o tempo a correr lentamente, porque, quando nada se tem para fazer é um morrer de tédio.

Conversando com eles, vão surgindo coisas interessantes, do género: se ao menos aprendêssemos um pouco de primeiros socorros, dado que hoje, em qualquer momento, podemos ser confrontados com situações de risco ou de acidente e ficamos sem saber nada. Também falam de regras de higiene básicas, uma vez que vêem muitos colegas que não tiveram tempo para isso no meio em que vivem. Falam igualmente de um tempo de informação sobre alcoolismo e outras drogas.

Talvez não sejam estas as competências da Instituição militar, mas então que se esclareçam rapidamente os

campos. Há despesas inúteis e tempo desaproveitado. Há dinheiros gastos sem proveito e que poderiam estar a ser gastos na verdadeira competência da Instituição militar. Ou será que o Estado precisa de tanta mão de obra gratuita e cujo reverso da medalha é a sua quase total ineficácia?

Uma notícia

No dia 26 de Outubro deparei com uma notícia num jornal. Fiquei a olhar e tive que ir procurar num outro jornal a ver se era mesmo o que tinha lido. Nesse outro jornal a notícia estava exactamente igual. Então, disse para comigo: isto é verdade. Sendo assim, aqui fica a notícia tal e qual e sem comentários, esperando que o tempo ajude a esclarecer as promessas dos homens: «O Ministério do Trabalho e da Solidariedade vai construir sete Lares 'de excelência' para crianças e jovens em situação social precária. Segundo anunciou ontem Rui Cunha, secretário de Estado adjunto do Ministro do Trabalho e da Solidariedade, será o Estado quem irá gerir os Lares, de modo a que sirvam de padrão para outros estabelecimentos do género».

Padre Manuel Cristóvão

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

OBRIGAÇÕES FAMILIARES — Na população do País está a diluir-se o cumprimento das obrigações e laços familiares em relação aos idosos. Por isso, e por casos que vamos tendo em mãos, procuramos admoestar os parentes de doentes pobres em situação *terminal*, que usufruam boa situação económica e social...

Não há só quadros negros. Algumas famílias, relativamente pobres também, na medida do possível, cumprem seus deveres com amor cristão. Ai de nós se assim não fosse! Seria um desmoronar...!

Há pouco tempo, uma mulher precisou de roupas para sua tia, *incontinente*. Levou a necessária. O que ela disse com tanto amor saído da sua alma! Do trabalho que a paciente lhe dá, à limpeza pessoal, roupa, alimentação e remédios...! Tudo dito com elevação, espontaneamente, como se a tia não fosse — como é! — um encargo para o seu orçamento, para a sua vida.

Entretanto, lemos uma notícia publicada num semanário:

«O ano de 2015 terá mais idosos, mais pessoas isoladas, mais mulheres em idade avançada e mais Pobres. Esta tendência verifica-se num quadro onde faltam respostas, como é o caso de Portugal, para além de que as obrigações familiares tradicionais estão a diluir-se...»

Outro colega de Imprensa, de tendência cristã também, resume a recente Nota da Comissão Episcopal da Família:

Dentro de poucos anos, vinte por cento da população portuguesa terá mais de 65 anos. Reconhecendo a atenção que a Igreja tem aos mais velhos, «não basta dispensar cuidados e atenções às pessoas idosas, como se de meros receptores se tratasse». Essas pessoas são «fonte de dádivas» devido à sua disponibilidade e generosidade. «Oferecem o seu tempo, as suas actividades, as suas habilitações e, não raras vezes, as suas economias, distribuindo para dar eficácia à partilha eclesial.»

A Comissão Episcopal da Família julga ser da mais elementar justiça que se entendam os anciãos como cidadãos com direitos e deveres inalienáveis: «O cidadão idoso reivindica para si os direitos humanos, tais como se apresenta a Declaração Universal; não aceita que o considerem como um cidadão de segunda ou uma incómoda causa de risco orçamental.»

A Nota refere ainda: «É indispensável que as famílias e a sociedade se inteirem desta situação e actuem em conformidade, aceitando como uma dádiva a existência de pessoas idosas, respeitando os seus direitos, solicitando a sua colaboração e proporcionando-lhes os cuidados de que necessitem.»

A Comissão conclui, deste modo: Ainda existe um longo caminho a percorrer na atenção e dignificação do papel social dos idosos. Os sistemas nacionais, particularmente o de Saúde, têm de se adaptar de forma a garantir um acesso rápido e fácil às instituições, favorecendo a permanência deles no seu meio familiar. Em todo o caso, nenhuma iniciativa terá êxito, «se não se basear no princípio fundamental do reconhecimento da dignidade e valia das pessoas idosas».

A VOZ DO PAPA — Aos peregrinos da sua geração: «A Igreja ainda precisa de vós, precisa de nós. Precisamente porque somos mais velhos, temos contribuições específicas para oferecer ao desenvolvimento de uma autêntica cultura da vida. Cada estação da vida tem riquezas específicas que podem ser úteis a qualquer pessoa».

Sobre Direitos Humanos e Desenvolvimento Social no Mundo: «A luta contra a Pobreza é um dos maiores desafios que a Humanidade enfrenta neste novo milénio. Comida, cuidados médicos, educação e trabalho não são apenas objectivos do desenvolvimento. São direitos fundamentais, infelizmente ainda negados, hoje, a milhões de seres humanos».

PARTILHA — O assinante 72140, de Setúbal, inscreve-se na Família d'O GAIATO com anualidade adiantada, deixando o «restante para ajuda a uma necessidade da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus que considerem de maior urgência». Acrescenta: «Não precisam responder. É suficiente um pequeno apontamento, no Famoso, não mencionando o meu nome».

Setúbal: Ainda mais um cheque pela mão da assinante 64393 que pede desculpa «pelo seu atraso nas contas do Jornal, sendo o remanescente para os vossos Pobres».

Santo Tirso: Quatro mil, da assinante 38456, com um sorriso de Amizade.

Doze mil, de «uma portuense qualquer», com presença regular, agora com «a migalhinha relativa aos meses de Novembro e Dezembro».

Coimbra: «Aplicai o cheque onde for mais preciso. Talvez em uma mãe necessitada. Não precisam agradecer, verei na conta bancária se foi levantado. O Pai do Céu ajude os meus filhos». A Fé da assinante 64820.

Presença, de há muitos anos, da assinante 31104, de Lisboa, para «os destinatários habituais e por alma dos meus entes queridos».

Fiães (Feira): Assinante 31254 saúda com «Bom dia!» na missiva e com um pensamento anónimo («A Beleza não se deixa aprisionar, mas deixa-se encontrar»), presente com «três ofertas», sendo uma de «quinze mil escudos para as Pobres da vossa Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, para medicamentos dum doente. É uma gotinha para cada lado, com muito carinho e amor pelos Pobres». Retribuímos o «abraço amigo».



Casa do Gaiato de Paço de Sousa: Como são bons os espaços verdes para quem chega do Lixo das ruas.

Vinte mil, da assinante 35016, da Póvoa de Varzim: «Já que não houve um gaiato padre, agora há um neto gaiato. Louvado seja Deus por esta Graça! O pai dele estará feliz e orgulhoso, e muito agradecido a Pai Américo».

Leitora, de Troviscal, assinante 66164, manda o donativo numa carta cujo teor não podemos pôr «debaixo do alqueire». Aqui está:

«É com grande interesse e expectativa que leio O GAIATO, logo que ele chega; mas também com um sentimento de 'revolta' e de impotência que o termino.

O século XX foi marcado por lutas e rivalidades..., mas os ricos ficaram mais ricos e os pobres cada vez mais pobres.

As expectativas para o próximo século são pouco anima-

doras porque irá continuar a exploração dos mais pobres e a defesa de interesses dos mais ricos.

Muito gostaria de fazer para que reinasse a Paz: Económica, Social, da Justiça, do coração..., em todos os cantos do Planeta que, como disse o Santo Padre, 'poderá ser um jardim ou um monte de escombros'. Sozinha, sou fraca, resta-me a oração e o poder ajudar com parcas migalhas os Pobres mais necessitados, conforme as minhas possibilidades. Agradeço o anonimato.» Basta que Deus saiba!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

VACARIA — Recebemos mais um casal de vitelos «arouqueses». Esperamos que se adaptem bem à nossa quinta e nos venham a dar boa carne.

CASAS DA NOSSA ALDEIA — Nos últimos dias andámos a tentar dar mais beleza às nossas casas, das limpezas aos materiais que precisamos.

Esperamos que os Leitores nos dêem uma mãozinha, oferecendo quadros, caixotes do lixo, materiais de limpeza e outros para embelezarmos as moradias.

DESPORTO — O nosso Grupo Desportivo já anda melhor. Os mais novos têm muita imagem. Até hoje ainda não perderam um jogo!

Os mais velhos também já andam melhor, apesar da dificuldade que estamos a passar.

Gostaríamos de saber se alguém gostaria de patrocinar o nosso Grupo com a oferta de um novo equipamento. Podem fazer o favor de ligar para o seguinte número 255-752285 e falar com o «Martelo».

«Martelo»

TOJAL

DESPORTO — O nosso campo esteve em obras durante alguns dias e o pessoal já com saudades de jogar a bola.

Quando ficou pronto, toda a malta foi matar saudades... Ficamos contentes por terem feito obras nele e esperamos adversários.

FESTAS DO NATAL — Os rapazes já estão a organizar as festas do Natal. Os *Batatinhas* já pensam nas prendas...

Mais importante do que isso tudo, dar beijinhos ao Menino Jesus.

AGRICULTURA — Esta semana não tivemos aulas. Aproveitámo-la a apanhar azei-

tonas. Ainda ficaram muitas por apanhar, mas a maior parte já foi arrumada.

Acho que vamos ter azeite para temperar as batatas.

ANIMAIS — O João («Madeira») construiu uma grande casota para o cão. É um cão muito bonito. Tenho pena, mas ainda não sei o seu nome.

Abílio («Pequeno»)

SETÚBAL

FÉRIAS — Os rapazes tiveram uma semana inteira de férias. São as férias de Todos os Santos. Ninguém teve Escola a não ser os da Academia de Dança e da Universidade. Quem não deve ter tido férias foram os pais, empregados dos alunos, que, com os filhos em casa, sofrem trabalhos e cuidados a dobrar.

Em nossa Casa os rapazes estudaram sempre duas horas por dia, vigiados pelos chefes, também estudantes, e o resto do tempo útil foi passado na quinta e nas obras a trabalhar. Ele houve um pouco mais de recreio e deu-se um empurrão nas sementeiras de Outono: Salsa, coentros, espinafres, ervilhas, favas, etc. Aproveitamos também para ir ao cimento, ensacado por nós, na Secil, para ficarmos governados para as obras por algum tempo.

Arrancámos as ervas dos nabos e plantámos o feijão verde mais as couves que estão muito lindas.

RODOS — Os rodos que carregam duas vezes por dia, para a estrumeira, os dejectos das vacas têm estado avariados.

Quem vende, diz sempre que a sua máquina é a melhor e a mais barata do mercado. Mas, muitas vezes, não é assim. É o caso dos rodos.

Os serralheiros têm arranjado várias vezes os dentes dos rodos que engatam nas correntes e, mesmo assim, agora tiveram de ser substituídos.

RETALHOS DE VIDA

Fábio



Eu sou o Fábio Filipe Miranda Costa. Nasci em 17 de Novembro de 1990, em Vila Franca de Xira. Tenho seis irmãos: três rapazes e três raparigas.

O meu pai não trabalhava e a minha mãe andava por lá... O nosso comer era feito por uma vizinha, pela minha irmã, ou vinha do infantiário.

Uma assistente social trouxe-me para aqui, para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa, porque eu ganhava dinheiro às pessoas e, também, nos supermercados. Fui apanhado, uma vez, pelos vigias, a tirar coisas de comer. Mas, em casa, tinha o que era preciso! Só que os meus amigos, lá da rua, chamavam por mim e eu ia...

Outras vezes, fazia de conta que ia prà Escola e metia-me na camioneta p'ra ir gamar coisas...

A professora avisava os meus pais quando eu faltava à Escola. Eu não gostava de ir p'ra lá porque ela castigava-me.

Aqui, na Casa do Gaiato, estudo, brinco nas horas de recreio, ajudo na limpeza da casa e não me falta nada.

Quando sair da Escola quero aprender a cozer pão e bolos para, mais tarde, ser padeiro.

Fábio Costa



TRIBUNA DE COIMBRA

Saudade

É Dia de Fiéis Defuntos. Vem-nos à memória a saudade de tantos Amigos da Obra, e particularmente desta Casa do Gaiato, que o Senhor chamou ao Seu Convívio Eterno. De entre tantos, queremos recordar D. Maria de Lurdes Mota, de Castelo Branco. Partiu escassos meses antes de seu marido Eng. António Russinho. Que grande paixão pelos gaiatos! Era uma mulher extraordinária. Vivia para Deus e para o bem do próximo. Mulher distinta da sociedade albicastrense, não se dava com as vaidades mundanas... Tinha expressões pessoais fortemente críticas de um certo modo de estar na sociedade baseado na aparência. O seu mundo era o mundo dos Pobres. Seguiu os passos de seu pai, cuja arte de bem-fazer Castelo Branco imortalizou com afecto e justiça.

D. Maria de Lurdes Mota foi mordoma das nossas Festas em Castelo Branco durante muitos anos. Desde a calendarização, organização, publicidade e ceia dos rapazes; ela e seu marido, Eng. António Russinho, eram a alma das ditas. Ela, pela simplicidade e discrição; ele, pelo talento e cultura. Ambos conseguiram granjear simpatia e amizade pela Casa do Gaiato em terras da Beira. É nesta onda de simpatia que outro vulto surgiu: D. Maria do Rosário — outra grande Amiga da Casa do Gaiato que o Senhor já chamou também.

Sou viúva

«Como eu gostei de uma passagem do vosso artigo 'Nova tese...' de 29 de Julho e que reza assim: 'A verdade é que os jovens de hoje são semelhantes aos de decénios atrás. A sociedade envolvente é que é muito mais virulenta e os contagia...'

Eduquei quatro filhas. Formaram-se. Eu própria deixei de ensinar depois do casamento, tendo voltado a exercer em 1975 com receio das viragens políticas. Actualmente, já estou reformada.

Tenho nove netos e vejo bem como é muito mais difícil hoje a educação deles do que foi a que eu dei às minhas filhas.

O ambiente familiar de todos é muito bom, mas o mundo, lá fora, é uma coisa terrível! Por enquanto tudo corre bem, mas ninguém pode dizer desta água não beberei.

O pior é que são caros. Vêm da Holanda. Um amigo nosso conheceu um holandês, estabelecido com gado leiteiro no Alentejo, e foi ele que nos cedeu duas rodas novas para os rodos que já estão a funcionar.

VACARIA — Uma vez por mês, ao fim-de-semana, o trabalho da vacaria: tirar o leite na sala de ordenha, dar leite aos vitelos, preparar a comida do gado com silagem, palha, luzerna e outras sobras da nossa mesa; dar comida ao gado com a máquina, fazer o leite e levá-lo aos vitelinhos, acompanhar e ajudar as vacas que estão a parir, etc. Este trabalho é feito por quatro grupos que se revezam. Foi preciso mexer nos grupos. Tira alguns rapazes chamados a outras responsabilidades, meter outros rapazes e entregar chefias.

Para que os vaqueiros possam ter fim-de-semana, os grupos assumem esta obrigação. Tem de ser gente com consciência. O leite mal tirado pode estragar uma vaca para sempre. Se as vacas não forem bem alimentadas, e, ao fim-de-semana, passarem fome, o leite vai abaixo e demora dois ou três dias a recuperar.

O trabalho da vacaria como o da cozinha é de evidente responsabilidade.

VISITAS — Temos sempre visitas. Pessoas que nos trazem a sua ajuda e vêm ver a nossa Casa, mas em grupo organizado torna-se mais visto.

Um grupo de rapazes e raparigas da Igreja de Corroios vieram passar o Domingo conosco.

Rezaram, brincaram, comeram e conviveram.

Pode ser que algum rapaz ou rapariga se sinta chamado por Deus para vir dar a sua vida na nossa Obra. Quem sabe? Deus tem tantos caminhos!...

Um grupo de oração de Meixolheira Grande, do Algarve, a caminho de Fátima, passou pela nossa Casa. Vieram e deixaram a sua oferta e a sua amizade. O Pároco, senhor Padre Domingos, de vez em quando, transcreve O GAIATO para o seu Boletim Paroquial, chamado — *Actos*. Lembra os Actos dos Apóstolos.

SALMOS — O Doutor Cosme tem vindo cá ensinar os rapazes a cantar os salmos. O salmo cantado, na Missa, tem uma mensagem mais forte. Entra melhor no coração. O Ricardo, o Victor Daniel e o «Paizinho» foram os primeiros a oferecerem-se para cantar, mas o mais afoito foi o Ricar-

Bem podia dizer D. Lurdes escassos dias antes da sua morte: «Só estou à espera de Nosso Senhor para ficar sempre com Ele...». O seu rosto enchia-se de luz enquanto partilhava estes sentimentos.

Era uma apaixonada pelo Padre Américo. Grande amiga do Padre Horácio. Aliás, nos últimos tempos de Padre Horácio, em suas passagens por Castelo Branco, a casa de D. Lurdes era já a única onde fazia questão de querer parar.

O seu funeral foi muito participado, sinal evidente de que a sua acção foi reconhecida aos olhos de muitos albicastrenses.

Cremos que já se encontrou com os seus grandes Amigos: Padre Américo e Padre Horácio. Que por nós intercedam junto de Deus.

A partida destes nossos bons Amigos deixou-nos mais sós. São portas que se nos fecham... Que o seu testemunho de vida ao lado dos mais pobres, abra outros corações a seguir o seu exemplo.

Padre João

PENSAMENTO

Oh Pobres dos caminhos, monumentos de generosidade, eu quero deixar saudades e merecer a vossa bênção à hora da minha morte!

PAI AMÉRICO

Cartas

Resumindo e concluindo: o vosso Jornal continua a ser, para mim, um consolo espiritual.

Não posso deixar de me lembrar de todos vós, não esquecendo o belo exemplo que também nos vem dos Padres que em África não desesperam.

Assinante 29705

Sinal de Esperança

«Não podia deixar passar este mês sem uma palavrinha de alegria e de louvor ao Senhor por mais este sinal de Esperança para todos aqueles que se acolhem sob o manto protector da Obra da Rua. E não só os rapazes, mas também todos nós os que vamos recebendo lições de vida através dos

testemunhos generosos e profundamente humanos de todos aqueles que se deram de coração a uma Obra tão meritória e cada vez mais actual. E os ecos desses testemunhos chegam-nos, em parte, através de quatro 'grandes' páginas que se lêem dum fôlego, mas que também sabe bem ler devagar, saborear, meditar...

Assinante 69009

Leitura persistente

«A minha mulher e eu somos grandes admiradores da Obra da Rua.

Sempre nos habituámos, em solteiros, a ler O GAIATO.

Não gostaríamos, depois de casados, de nos vermos privados de ter em nossa casa o vosso Jornal. Assim, agradecemos que considerem a nossa assinatura.

Assinante 71972

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Passou mais um 23 de Outubro, data que, em Galegos (Penafiel), nasceu Pai Américo.

Não podemos deixar passar em branco esta data tão importante. Não só para nós, gaiatos, mas também para aqueles que visitamos.

É inspirados e protegidos por ele que visitamos os Pobres.

Por lá Pai Américo andou, em tempos muito mais difíceis do que os actuais, mas também em que as pessoas eram mais humildes.

É também com esse espírito de pobreza que, hoje, por lá andamos. Não tantas vezes

como aquelas que os Pobres necessitam, mas aquelas que podemos. Pois somos casais que temos as nossas vidas, os nossos filhos e ainda o nosso tempo comprometido, como bons paroquianos que queremos ser. Foi com Pai Américo que aprendemos a prática das orações quotidianas, a Missa dominical. Era seu lema, ainda, fomentar na alma do rapaz, o amor aos Pobres. Por isso, fundou Conferências nas Casas do Gaiato.

E hoje é com esse amor que fazemos as nossas visitas.

Alguém escreveu: «Sem amor todas as obras são nada, menos ou mais, extraordinárias, como ressuscitar os mortos e converter os povos. Viver o amor é seguir sempre em frente, espalhando alegria e sorrisos à nossa volta. Viver de amor significa dar sem medidas, sem reclamar paga, aqui na terra».

Foi nesse amor que nós, hoje, por cá andamos, visitando Pobres. E nestas nossas visitas levamos não só palavras de conforto, mas também somos portadores das ofertas que nos vão chegando às mãos.

Ainda há pouco, ouvíamos e líamos nos Evangelhos, a pergunta daquele jovem que se aproximou de Jesus: «Bom Mestre, que hei-de fazer para

Setúbal

Continuação da página 1

A gazua era o cabo de uma colher de sobremesa sem a pequenina concha.

A um olhar desconfiado, aliava uma postura introvertida e uma linguagem enxameada de palavras. O rapaz não dizia nada sem obscenidades.

Não me admira nada. É a linguagem corrente numa sociedade que se diz evoluída. Evolução para a desgraça. Antigamente, era vulgar só nos ambientes mais miseráveis. Hoje, é frequente. O culto da mediocridade e da baixaza alastrou e alastra com medonha facilidade.

Mas voltemos ao Luís.

Veio em meados de Julho deste ano. Está gordo, luzidio. É uma criança feliz, desinibida, com a vontade de vencer. Comunica facilmente. Gosta do afecto e retribui espontaneamente. De olhos cheios, como azeitonas gordas e pretas, cara rosada e cabelo loiro escuro, é uma criança que enche o coração à primeira vista.

Tenho medo; medo da influência familiar. São gente tão desgraçada!... Enquanto estava com eles ninguém lhe punha a mão. Andava fugido semanas a fio. Agora, que aqui está e passou o defeso de três meses que sempre imponho à visita da família, é um corropio.

Ao jantar também me confidenciou que falara com a mãe pelo telemóvel da tia. Nada mais natural, dir-me-ás. É verdade. Mas talvez nada de mais pernicioso. — Sabe qual é a profissão da mãe? Não sabes? Também eu não te posso dizer. Dói-me a alma. Vive numa das grandes Capitais da Europa. É o negócio negro do mundo! O culto da deusa Vénus e de tantos outros deuses ressuscitados pelo culto da libertinagem e da abundância, no tempo corrente.

Veio agora um officio do Tribunal a pedir um relatório social sobre a integração do menor «na Instituição». É outra vez a Autoridade. A gente responde com verdade e humildade, muito respeitosamente, aos pedidos dos Tribunais. Fazemo-lo por cerimónia, por educação, por medo, não porque lhes reconhecemos a autoridade do Estado que, neste caso como noutros, é meramente fictícia. E muito gostaríamos que fosse real. É que se a Autoridade fosse real, o Luís não teria chegado ao ponto que chegou e eu não andaria agora com o coração aos pulos com medo das más influências, que por enquanto não estragarão muito, mas, quando chegar a adolescência, é que serão elas!...

Padre Acílio

alcançar a Vida Eterna?» Ele, que até sabia os Mandamentos do Senhor! No entanto, faltava-lhe um. Quando Jesus lhe diz: «Vai, vende o que tens e dá o dinheiro aos Pobres»; ele ficou triste.

Quão difícil é desapegarmos-nos dos bens materiais!...

Por vezes, parece que nos esquecemos que não somos de cá e que nada levamos, a não ser as boas ou más obras que fazemos e as esmolas que damos.

Dizem que Portugal é o País com mais pobres na Europa! Nós perguntamos: que temos feito para combater essa pobreza? É triste ouvir estas notícias, mas que se há-de fazer, se o ser humano continua apegado ao ser e ao ter?

Não nos lembramos que fomos colocados tão próximo de Deus, que a palavra Pobre é expressão de ternura. Quando o coração estala de compaixão e de amor, quase não podemos conter as lágrimas.

O tal ser e ter faz-nos esquecer estes sentimentos.

Sentimento que teve Pai Américo quando, em África, já com a sua vida estabilizada, deixa essa riqueza mundana e segue o Evangelho do Senhor.

«Vai, vende o que tens e dá-o aos Pobres.»

Pois que Pai Américo, lá no Céu, peça ao bom Deus que abra os nossos corações a esse Amor.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000-299 Porto.

Casal vicentino

BENGUELA

DESPORTO — Em nossa Casa desenvolvemos algumas actividades desportivas, como é normal na vida dos rapazes. Temos ainda um grupo de artes marciais, em que participa um bom número deles e tem cada vez mais adeptos.

No dia 30 de Setembro fizemos as graduações. Passámos quase todos para cinturão amarelo. Foi bonito ver toda a Casa em festa. Um exame de extrema importância e o primeiro desde que ela foi restaurada.

Pedimos aos nossos Amigos que nos ajudem no equipamento para este tipo de arte: cinturões e quimones. Obrigado.

Kaquarta Casinda



Outro filho, de tenra idade, quis pregar um prego à parede da Casa!

Património dos Pobres

OS Pobres são um sinal de vida; pois se eles são sinal de Cristo!...

Foi este o meu sentir ao visitar, há dias, uma família pobre. Ao entrar no pequeno casebre que habitam, deparou-se-me a filha mais nova do casal, sentada no interior de pequeno parque para bebés. Este, feito de meia dúzia de ripas de madeira forrado a cartão, era a evidência de uma pobreza autêntica, sem disfarces.

Confesso que não esperava encontrar lá dentro uma criança! Esperariam os Magos encontrar o Deus-Menino deitado numa manjedoura?

O outro filho, também de tenra idade, enquanto estivemos presentes não deixou

de bater num prego como que a querer pregá-lo à parede da casa...

São decorridos já alguns anos, desde que esta família começou a ser. O amor tem-nos mantido unidos, e, no meio das muitas dificuldades, a sobriedade tem sido uma constante no seu modo de viver.

Voltando à habitação que ocupam: é constituída por uma cozinha em telha-vã que foi loja de animais, um quarto para todos os quatro e uma pequena retrete, tipo lavrador.

Por causa das condições, materiais e humanas, de que agora dispõem, querem fazer uma pequena casa térrea, onde haja um quarto para os pais, um outro para o menino e outro para sua

irmã, para além das outras divisões comuns a qualquer habitação.

O pai dela já dispôs de uma parcela do seu terreno para aí se edificar a casa. Aqui a dificuldade não é o terreno, o que não é sinónimo de riqueza, mas sim os meios para fazer a construção.

Um pequenino pé-de-meia que o casal até hoje conseguiu juntar, será o alicerce da casa que vão construir. Para a levantar, olham para ti os olhos dos filhos e dos pais a ver se, todos juntos, podemos fazer Jubileu!

A alegria, como se costuma dizer, está mais em dar do que em receber. E esta não há-de faltar nos corações dos que descobrem o olhar do Menino, nestes meninos.

Padre Júlio

O nosso Jornal

Um problema muito importante

Continuação da página 1

sabendo que cada exemplar encontra uma, só que seja, quando não várias no seio daquela família!

E agora?... Com a tiragem presente, o porte postal d'O GAIATO já nos custa, desde há três anos e meio, cerca de duzentos e sessenta contos por mês. Irá para o dobro?, irá para o quádruplo?...

Eis um problema que nos aflige e a toda a «pequena» Imprensa, com quem estamos solidários.

Não queremos perder a confiança na sensatez e na bondade dos homens. E, sobretudo, esperamos em Deus que sabe como ninguém que O GAIATO é serviço Seu prestado aos homens.

Padre Carlos

DOCTRINA



Aparente dissipar...

MAIS duzentos escudos em Cedofeita para celebrar uma Missa por alma do Casimiro. Mais cem escudos de um visitante e cinquenta de um outro; e mais duzentos e cinquenta de um terceiro. Antes queremos dinheiro que cartões de visita; nem nos interessa sobremaneira saber o nome todo dos visitantes. Mais duzentos escudos de um outro visitante e uma pancadaria de biscoitos. Fez-se uma larga distribuição aos miúdos e guardámos as sobras num cesto, como aconteceu no milagre da multiplicação dos pães. Mais, no Depósito, uma caixa de roupas delicadas, de uma mulher forte que perdeu dentro de vinte dias o seu marido e um filho! Já antes se recebeu aqui um idêntico espólio. É esta a segunda vez que a Dor veste alguns dos nossos pequeninos habitantes. Por isso eles parecem tão bem quando vão ao Porto assim vestidos!

SEMPRE que se oferece ocasião de pedir nas Igrejas do Porto, tomo as mais das vezes um carro ligeiro e levo na minha companhia alguns gaiatos; já assim tem acontecido. Eles vão sozinhos ver o mar e eu fico nos templos, a pedir. Pregamos a mesma doutrina por diferentes processos: o amor.

PODE haver quem repare neste aparente dissipar; também Judas reparou no que Madalena fez a Jesus: «Mas que grande desperdício!» Se o discípulo infiel amasse o Mestre, tudo lhe pareceria pouco. Se tu amasses verdadeiramente a Criança da rua, num instante havias de compreender que ela tudo merece e acharias pouco todo o bem que se lhe faz. É um prémio. O que não fazem estas crianças para merecer um passeio de automóvel, na minha companhia, à cidade do Porto! Que de promessas! Que de resoluções! Que de pequeninos sacrifícios! Que amor não ganham eles ao trabalho, só por sentirem o amor de quem os leva a passeio! Mais: Quem pode furtar aos pais o indizível prazer de ir na companhia dos seus filhos e de responder às perguntas que eles fazem no correr da viagem?! Quem?

D. Amén. 5.1

(Do livro Pão dos Pobres — 4.º vol.)



Casa do Gaiato de Benguela: Colheita de cebola, recolhida pelas mãos deles.

BENGUELA

Aflições dos pais

COMPREENDO as aflições dos pais diante dos problemas dos filhos. São muito graves, algumas vezes. A dor é tanto maior quanto mais difícil é a solução. Estou a escrever esta nota com o meu coração em sobressalto. Não sei que hei-de fazer para ajudar um pequeno a entrar no caminho certo. Muitas tentativas foram feitas. Aparentemente falharam. Estou a ver muitos pais em situação parecida. Compreendo a sua dor e quero animá-los.

Depois de passar os primeiros momentos da tempestade, não raro os mais agitados e perigosos pelo desequilíbrio que provocam, vem o tempo calmo.

Abre-se, então, a porta mais segura e sempre certa. Dá pelo nome de paciência. É a porta da paciência. Está no caminho do verdadeiro amor. Como está certa a palavra nova de Pai Américo, quando diz que o verdadeiro técnico da Educação é aquele que muito ama. Amar até ao fim é a palavra de ordem. O mensageiro da Boa Nova — os pais são mensageiros dos e para os filhos — deve apoiar-se neste bordão. Tudo o mais que não tenha a marca do amor verdadeiro pode estorvar e até destruir. Por isso, os pais devem ter um coração pobre, invadido pelo amor vigilante que vive da Esperança. É a esperança do semeador que lança a semente na mira da colheita

que vai acontecer. Pode demorar, embora, mas a hora chegará. A experiência que estou a fazer, agora, comunico-a nesta notícia. Ai do educador que não sabe esperar!

Admiro a paciência destas mães que, todos os dias, passam por mim. Têm muitos filhos, normalmente. Estou noutro mundo, bem sei. É o meu, nesta hora. Admiro a paciência com que levam os filhos na vida e na morte.

* * *

Como nos podemos conformar com o mundo onde as mães e filhos morrem de fome? É um agulhão apontado à minha e à tua sensibilidade. Longas filas de milhares de pessoas continuam de mãos estendidas por um punhado de farinha. Vamos semear todos os campos com grão de milho.

O ano lectivo está no fim. É tempo da colheita. Como será? Depois, direi.

Padre Manuel António